

3.1.2 As diferentes formas de contar histórias na educação infantil

CONCEIÇÃO, M. A.; KATO, E. H., COSTALUNGA, A.

Licenciada em Pedagogia, Área da Educação, Universidade de Santo Amaro – UNISA, São Paulo – SP. Brasil.

E-mail: marliaparec19@gmail.com

Docente e Licenciatura em Pedagogia, pelo CENTRO UNIVERSITÁRIO ÍTALO BRASILEIRO, São Paulo – SP. Brasil, Pós-graduação em Planejamento, Implementação e Gestão da EAD – PIGEAD pela Universidade Federal Fluminense (UFF)

E-mail: eugenia.kato@italo.edu.br

COMO CITAR O ARTIGO:

CONCEIÇÃO, M. A.; KATO, E. H. e COSTALUNGA, A. **As diferentes formas de contar histórias na educação infantil.** URL: [www.italo.com.br/portal/cepep/revista eletrônica.html](http://www.italo.com.br/portal/cepep/revista_eletronica.html). São Paulo SP, v.9, n.4, p. 88-125, out/2019.

RESUMO

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, acerca da contação de história iniciando-a na infância com a família e dando continuidade no espaço escolar. Portanto faz-se necessário que os professores passem a valorizar a contação de história, mostrando o quanto é essencial e importante no desenvolvimento da criança. Criando neles um mundo de fantasias. Proporcionar a leitura para a criança cria o prazer pela arte e propicia a elaboração de conceitos e a construção de aprendizagens de forma lúdica e prazerosa.

Palavras-chave: Contação de história, Família, Professores, Criança, Leitura.

ABSTRACT

It is a bibliographical research, about the storytelling, starting it in childhood with the family and giving continuity in the school space. Therefore, it is necessary that teachers begin to value the storytelling, showing how essential and important it is in the development of the child. Creating in them fantasy world. Providing reading for the child creates the pleasure for the art and allows the elaboration of concepts and the construction of learning in a playful and pleasurable way.

Keywords: Storytelling, Family, Teachers, Child, Reading.

1 INTRODUÇÃO

Pensando na importância de contar histórias e no vasto repertório de histórias para crianças e sabendo que é através das histórias que se pode descobrir outros lugares.

Ao contarmos histórias ampliamos o repertório das crianças desde os contos tradicionais de fadas, até os populares, brasileiros e de outras culturas, o título de alguns dos autores da literatura infantil, peças e autores de teatro. Despertamos o imaginário, a curiosidade delas.

É também suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras ideias para solucionar questões (como as personagens fizeram...). É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos – dum jeito ou de outro – através dos problemas que vão sendo defrontados, enfrentados (ou não), resolvidos (ou não), pelas personagens de cada história (cada uma a seu modo)... É a cada vez ir se identificando com outra personagem (cada qual no momento que corresponde àquele que está sendo vivido pela criança)... e, assim, esclarecer melhor as próprias dificuldades ou encontrar um caminho para a solução delas...(ABRAMOVICH, 1995, p.16).

Mostrar que ao criarmos um bom contexto e definir os propósitos e as modalidades de leitura que se propõe que as crianças aprendam, oferecendo sempre boas fontes de informação. É o despertar de várias emoções e sensações que a leitura provoca na criança.

Através dos contos de fada lidos pelas próprias crianças ou contadas pelo professor, é possível que elas experimentem estados afetivos diferentes ou iguais daqueles que a vida real pode lhes proporcionar. Assim, a presença dos contos de fadas transcendem as páginas dos livros e reportam – se a realidade de muitas crianças, trabalhando conflitos internos sejam eles de ordem pessoal, social ou familiar.

Neste trabalho proponho discutir também o papel que a literatura infantil exerce sobre a aprendizagem da criança.

Para tanto, será discutido o papel da escola no incentivo da leitura e apoio da família para o crescimento da criança no mundo da literatura.

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como tristeza, a raiva, a irritação, o bem estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve – com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar... Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário! (ABRAMOVICH,1995, p.17).

2 LITERATURA INFANTIL

A literatura infantil desenvolve na criança a imaginação, emoções e sentimentos de forma prazerosa e significativa.

Os primeiros livros que foram feitos ao público infantil surgiram no século XVIII pelos autores La Fontaine e Charles Perrault que escreviam enfocando principalmente os contos de fadas.

Como tempo a literatura infantil foi ocupando seu espaço e apresentando sua relevância.

Segundo Kaercher (2001, p.82):

“É destas práticas, de ouvir e contar histórias, que surge nossa relação com a leitura e a literatura. Portanto, quanto mais acentuarmos no dia-a-dia da Escola Infantil estes momentos, mais estaremos contribuindo para formar crianças que gostem de ler e vejam no livro, na leitura e na literatura uma fonte de prazer e divertimento.”

Outros autores foram surgindo como Hans Christian Andersen, os irmãos Grimm e Monteiro Lobato, imortalizados pela grandiosidade de suas obras.

A literatura infantil naquele tempo era tida como mercadoria, para a sociedade aristocrática. Depois de algum tempo, a sociedade cresceu e modernizou-se por meio da industrialização, expandindo-se a produção de livros.

A literatura e a escola começam a perceber que deveriam fazer uma parceria, se unir, pois para que as crianças adquirissem livros era preciso que dominassem a língua escrita e isto cabia a escola desenvolver esta capacidade.

De acordo com Lajolo & Zilberman: “a escola passa a habilitar as crianças para o consumo das obras impressas, servindo como intermediária entre a criança e a sociedade de consumo”. (2002, p.25).

A literatura infantil era na verdade produzida para adultos e aproveitada para a criança. Seu aspecto didático- pedagógico de grande importância baseava-se numa representação de poder.

Era uma literatura para estimular a obediência, segundo a igreja, o governo ou ao senhor. Uma literatura intencional, pois as histórias acabam sempre privilegiando o bom e castigando o que é considerado mau.

Em consonância com tais idéias Zilberman (2003, p. 44) afirma que:

[...] a literatura infantil é primeiramente um problema pedagógico, e não literário. Por tal razão, se decorre de uma situação histórica particular, vinculada à origem da família burguesa e da infância como “classe” especial, participa dessa circunstância não apenas porque provê textos a esta nova faixa, mas porque colabora em sua dominação, ao aliar-se ao ensino e transformar-se em seu instrumento.

Seguia a risca os preceitos religiosos, onde a criança era um ser a se moldar de acordo com o desejo dos que a educam, podendo-lhe aptidões e expectativas.

Depois do século XX, as obras didáticas produzidas para a infância, apresentavam um caráter ético-didático, ou seja, o livro tinha a finalidade única de educar, apresentar modelos, moldar as crianças de acordo com as expectativas dos adultos.

(...) Como objeto que provoca emoções, dá prazer ou diverte e, acima de tudo, modifica a consciência de mundo de seu leitor, a literatura infantil é arte. Sobre outro aspecto, como instrumento manipulado por uma intenção educativa, ela se inscreve na área da pedagogia (COELHO, 2000, p.46).

O objetivo da leitura dificilmente era que a obra tornar-se fonte de prazer, retratando a aventura pela aventura.

Poucas eram as histórias que tratavam da vida de forma lúdica, ou que faziam pequenas viagens em torno do cotidiano, ou a afirmação da amizade centrada no companheirismo, no amigo da vizinhança, da escola, da vida.

Essa visão de mundo maniqueísta, calçada no interesse do sistema, passa a ser substituída por volta dos anos 70 e a literatura infantil passa por uma revalorização, contribuída em grande parte pelas obras de Monteiro Lobato, no que se refere ao Brasil. Ela então se ramifica por todos os caminhos da atividade humana, valorizando a aventura, o cotidiano, a família, a escola, o esporte, as brincadeiras, as minorias raciais, penetrando até o campo da política e suas implicações.

A literatura nos dias atuais tornou-se muito mais ampla e importante. Ela proporciona à criança um desenvolvimento emocional, social e cognitivo indiscutíveis.

Segundo Abramovich (1997, p.23) :

Quanto mais cedo a criança tiver contato com os livros e perceber o prazer que a leitura traz, maior será a probabilidade dela tornar-se um adulto leitor. Através da leitura a criança adquire uma postura crítico-reflexiva, extremamente relevante à sua formação cognitiva.

A criança ao ler ou ouvir uma história e é capaz de comentar, indagar, duvidar ou discutir sobre ela, realiza uma interação verbal, que vem de encontro as noções de linguagem de Bakhtin

(1992). Para ele, em relação aos textos, tem sempre um caráter coletivo, social.

O conhecimento é adquirido na interlocução, o qual evolui por meio do confronto, da contrariedade. Assim, a linguagem segundo Bakhtin (1992) é constituída, isto é, o sujeito constrói o seu pensamento, a partir do pensamento do outro, portanto, uma linguagem dialógica.

Partindo desta visão da interação social e do diálogo, que se pretende compreender a relevância da literatura infantil, que segundo afirma coelho (2001 p.17), “é um fenômeno de linguagem resultante de uma experiência existencial, social e cultural.”

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto. Segundo Coelho (2002) a leitura, no sentido de compreensão do mundo é condição básica do ser humano.

O ato de ler não esgota na decodificação pura da palavra escrita (...). A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (FREIRE, 2000, p 11).

Quando bebê inicia-se a compreensão e o sentido daquilo que o cerca, os primeiros contatos com o mundo. Os sons, os odores, o toque, o paladar, de acordo com Martins (1994) são os primeiros passos para aprender a ler. Ler, é uma atividade que implica muito mais do que somente a decodificação de símbolos, envolve uma série de estratégia que permite o indivíduo compreender o que lê.

Neste sentido relata os PCNs (2001, p.54): Ler não está apenas representado a decodificação, já que esta não está imediatamente ligada a uma experiência, fantasia ou necessidade do indivíduo.

De acordo com os PCNs (2001) a decodificação é apenas uma das várias etapas de desenvolvimento da leitura.

A compreensão das ideias percebidas, a interpretação e a avaliação são as outras etapas que segundo Bambergued (2003, p.23) “fundem-se no ato da leitura”. Desta forma, trabalhar com a diversidade textual, segundo os PCNs (2001), fazendo com que o indivíduo desenvolva significativamente as etapas de leitura é contribuir para a formação de leitores competentes.

2.1 Como contar histórias

As histórias são fundamentais na formação educacional da criança principalmente no início da escolaridade. Esta atividade a ser desenvolvida com a criança deve ser planejada, pois trata de um momento mágico que a criança irá vivenciar e absorver algo que venha a identificar com ela naquele instante.

Contar histórias deve ser algo diário, pode-se repetir as histórias dependendo do interesse dos alunos. Devemos seguir alguns critérios quanto as escolhas dos livros: livros com poucos textos, linguagem simples, maior número de ilustrações. As histórias não devem ser contadas apenas dentro da sala de aula, pelo contrário, ambientes diferenciados tornam o momento mais agradável (pátio, quadra, jardim, quiosques, entre outros. As crianças devem estar em posição confortável. A professora deve estar familiarizada com a história.

"A construção da leitura na sala de aula merece cuidados especiais por parte do professor. O livro de literatura é um objeto de arte com características particulares oriundas de uma experiência criadora. Enquanto arte da palavra, o texto literário semeia diversos sentidos na busca de um cultivo plural de leituras. Cabe a cada leitor a cultura desse solo criativo de descampado feito. O ato de ler atualiza esse processo revelador da arte da palavra desenvolvendo a expressão do sujeito leitor numa dimensão crítica-reflexiva. É dentro dessa perspectiva, então, que a prática leitora do livro infantil deve se manifestar no convívio da sala de aula." (MIGUEZ, FÁTIMA. 2000, p. 15).

Contar história para crianças é poder rir, trabalhar com as situações vividas pelos personagens, despertar sua curiosidade, podemos também encontrar soluções para problemas. Através do contar histórias para as crianças passam a ter novas sensações, desenvolvendo a sua imaginação e fazendo uma reflexão entre o mundo da fantasia e o da sua realidade.

Para que uma história realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam (BETTELHEIM, 1980, p.13).

2.2 A importância das histórias no ambiente escolar

Quando se reflete sobre as práticas literárias há de se considerar a importância da leitura no ambiente escolar. É necessário que o educador seja o possibilitador da leitura de forma prazerosa. O professor deverá ser capaz de estimular a criança à curiosidade.

Os parâmetros curriculares nacionais (2000, p 64-65), definem como importância da inserção da leitura no ambiente escolar:

- ampliar a visão de mundo e inserir o leitor na cultura letrada;
- estimular o desejo de outras leituras;
- possibilitar a vivência de emoções, o exercício da fantasia e da imaginação;
- permitir a compreensão do funcionamento comunicativo da escrita: escreve-se para ser lido;
- expandir o conhecimento a respeito da própria leitura;

As crianças têm um mundo a descobrir, por que não por meio de histórias, e o espaço mais adequado e favorável para isto é a escola.

As histórias despertam a imaginação trabalham a concentração, ensinam princípios, a distinção entre o bem e o mal e muitas situações subjetivas que poderão estar implícitas em situações futuras.

“O ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo (a mesma história ou outra). Afinal, tudo pode nascer dum texto!”. (ABRAMOVICH, 1995, p 23).

Com a globalização, vieram as mudanças consideráveis na sociedade como um todo, a tecnologia substitui muitos hábitos. A TV, os computadores, os videogames e tantas mídias tomaram lugar do bom e velho livro.

Muitos não veem o porque se ler um livro, se há possibilidade de ouvir mesma história em um áudio-livro, ou assisti-la em filme em um tempo bem reduzido. Ler passou a ser uma obrigação, muitos só leem quando há necessidade escolar e mesmo assim, inúmeras vezes substituem a leitura da obra na íntegra, por uma resenha on-line. A escola vem perdendo seu papel como estimuladora da literatura para os educandos.

A leitura deve ser cultivada desde a primeira infância. É muito importante quando a mãe conta histórias para seu filho ainda bebê, mesmo não entendendo ou sem interagir, este vai se sentindo confortável e concentrado, até o momento ao qual passa a ter entendimento do contexto, criando prazer e admiração pelas histórias.

Conforme ainda esclarece ABRAMOVICH:

O primeiro contato da criança com um texto é feito, em geral, oralmente. É pela voz da mãe e do pai, contando contos de fada,

trechos da Bíblia, histórias inventadas tendo a gente como personagem, narrativas de quando eles eram crianças e tanta, tanta coisa mais... Contadas durante o dia, numa tarde de chuva ou à noite, antes de dormir, preparando para o sono gostoso e reparador, embalado por uma voz amada... É poder rir, sorrir, gargalhar com as situações vividas pelos personagens, com a ideia do conto ou com o jeito de escrever de um autor e, então, poder ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de gozação. (2003, apud OTTE e KOVÁCS, 2009).

A literatura deve ser iniciada na educação infantil, criando meios para que as crianças possam ambientar-se com as histórias, como o acesso e manuseio a livros, contação de histórias, encenação, introdução de princípios a partir dos contos, entre outros.

As histórias podem ser contadas com recursos variados para que a criança possa criar gosto pela leitura, como a utilização de fantoches, dedoches, reprodução com artesanato, encenação, etc.

É através de uma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras regras, outra ética, outra ótica... É ficar sabendo história, geografia, filosofia, direito, política, sociologia, antropologia, etc... sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula... Porque, se tiver, deixa de ser literatura, deixa de ser prazer, e passa a ser didática, que é um outro departamento (não tão preocupado em abrir todas as comportas da compreensão do mundo) (ABRAMOVICH, 1995, p17).

Criar o gosto pela leitura trará benefícios que tornarão o indivíduo bom agente ativo no processo de interação, socialização, criatividade, etc. Isto se dará através da diversificação das atividades desenvolvidas no processo ensino aprendizagem.

Os contos transformam e transmitem mensagens à mente consciente, à pré – consciente e à inconsciente, transformam o pensamento da criança, estas histórias também mexem com o ego com o id e o superego.

Para Lajolo:

Em movimentos de ajustes sutis e constantes, a literatura tanto gera comportamentos, sentimentos e atitudes, quanto , prevendo – os, dirige – os, reforça – os, matiza – os, atenua – os; pode revertê – los, alterá –los. É, pois, por atuar na construção, na difusão e alteração de sensibilidades, de representações e do imaginário coletivo, que a literatura torna – se fator importante na imagem que socialmente circula, por exemplo, de criança e de jovem. (LAJOLO, 1994, p.26 – 27).

3 Contos de fadas

São textos que mantêm uma estrutura fixa partindo de um problema (como estado de penúria, carência afetiva, conflito entre mãe e filho), que desequilibra a tranquilidade inicial.

O desenvolvimento é uma busca de soluções, no plano da fantasia, com introdução de elementos mágicos: fadas, bruxas, duendes, gigantes entre outros. A restauração da ordem acontece no final da narrativa, quando se volta a uma situação de tranquilidade.

É característico dos contos de fadas colocarem um dilema existencial de forma breve e categórico, simplificando todas as situações. Isso permite a criança apreender o problema em sua forma mais essencial, pois uma trama mais complexa confundiria o assunto para ela.

Os escritos mais famosos dos contos de fadas infantis são os irmãos Grimm: Jacob e Wihelm Grimm, que fizeram e fazem sucesso até hoje com suas histórias e contos. Nascidos na Alemanha, os irmãos Grimm dedicaram a sua vida a escrever fábulas infantis e com isso ganharam fama e popularidade com as crianças.

Além das belas histórias e das contribuições para o imaginário das crianças, eles também contribuíram para a língua alemã com um dicionário e, assim desenvolveram um estudo mais aprofundado da língua e do folclore popular local.

Suas melhores e maiores obras são resumidas em contos e lendas para crianças. Os contos para as crianças na verdade eram contos destinados aos adultos.

O que aconteceu durante os anos é que eles foram adaptados para os pequenos. Os irmãos Grimm, na verdade tornaram a fantasia acessível às crianças.

“Todos os contos de fadas dos irmãos Grimm foram discutidos com respeito às origens de cada história, suas diferentes versões em todo o mundo, suas relações com outras lendas e contos de fadas”. (Bettelheim, 2002, p 351).

Um dos contos de fadas mais contados às crianças é o da bela adormecida. Uma história destinada aos adultos, o conto foi adaptado, alguns elementos foram modificados e retirados e, assim, se tornou um conto infantil.

A bela adormecida hoje tem duas versões diferentes: a de Perrault e a dos irmãos Grimm. A diferença se refere aos detalhes das duas histórias. Por mais variadas que sejam as versões, o tema central é o mesmo.

Outra história conhecida pelas crianças é a de João e Maria que também apresenta duas versões diferentes.

Para Bettelheim (2002, p. 197):

O conto de fadas é a cartilha com a qual a criança aprende a ler sua mente na linguagem das imagens, a única linguagem que permite a compreensão antes de conseguirmos a maturidade intelectual. A criança necessita ser exposta a essa linguagem para prestar atenção a ela. O conteúdo pré-consciente das imagens do conto de fadas é muito rico porque estimula a criança a desenvolver seu intelecto.

Esse conto dá expressão simbólica às experiências internas diretamente unidas à mãe, a criança não imagina que um dia poderá ficar afastada dos seus pais.

A história de João e Maria ajuda a criança a exceder sua dependência imatura dos pais e alcançar os níveis mais altos de desenvolvimento, valorizando também o apoio de outras crianças de forma lúdica.

A cooperação com eles na realização das tarefas terá que substituir finalmente a dependência infantil e restrita aos pais. A criança em idade escolar frequentemente ainda não pode imaginar que um dia será capaz de enfrentar o mundo sem os pais; por esta razão deseja agarrar-se a eles além do ponto necessário. Precisa aprender a confiar que algum dia dominará os perigos do mundo, mesmo na forma exagerada em que seus medos os retratam, e que se enriquecerá com isto. (BETTELHEIM, 2002, p. 202).

3.1 Origem dos contos

A origem da literatura infantil hoje conhecida como “clássica” encontra-se na novelística popular medieval que tem suas raízes na Índia, numa época onde a palavra impôs-se ao homem como algo mágico, como um poder misterioso, que tanto poderia proteger como ameaçar, construir ou destruir.

O fantástico sempre esteve presente nas narrações de todos os povos, tendo seu ápice com o advento do movimento romântico, quando o maravilhoso dos contos populares foi definitivamente incorporado ao seu acervo.

A disseminação dos contos de fadas como resultante de um conteúdo comum, consciente e inconsciente, moldado pela mente de diversas sociedades por onde veio se propagando, carregando, em

cada lugar, uma nova identidade ou uma nova versão, mas sempre mantendo sua estrutura.

Acredita – se que os contos teriam surgido com as histórias conservadas pela memória privilegiada de alguns contadores de histórias e essencialmente a partir de documentos encontrados em diferentes regiões, inscrições em pedras, em tabuinhas de argila ou de vegetal, escrituras em papiro ou pergaminho, em rolos de folhas presas por um dos lados ou ainda grossos livros manuscritos, cuja preciosidade era defendida com grossas correntes e cadeados.

A ascensão dos contos deve se, antes de tudo, à sua associação com a pedagogia, já que as histórias eram elaboradas para se converterem em instrumento de formação de valores e relações de poder, sob a justificativa de fornecer à criança uma educação especial, que a preparasse para a vida adulta.

Originalmente concebidos como entretenimento para adultos, os contos de fadas eram narrativas carregadas de exibicionismo, voyeurismo e relatos de abusos sexuais explícitos. De origem popular, eram contados em ambientes onde os adultos costumavam se reunir.

Contar histórias é atividade muito antiga. Até os profetas já falavam dela. Assim, o mais importante que o homem acumulou de sua experiência foi sendo comunicado de indivíduo a indivíduo, de povo a povo.

Contar em latim é *computare*, abreviado de *comptare*, do qual se originou o vocábulo francês *compter*. Então contar é o compito ou conto dos fatos.

Sabe-se que os primeiros contos foram adaptados para as crianças por volta do século XVII, época em que passaram a configurar-se como uma forma literária infantil. Devidamente expurgados e

suavizados, teriam nascido na França e eram narrativas orais, contadas pelos adultos, sempre considerando os problemas humanos universais.

Ainda hoje é possível perceber, nos contos de fadas, motivos existenciais primitivos que sobrevivem nas sociedades modernas, caracterizando, a fixidez da estrutura do conto, aquilo que sempre fica, apesar da transitoriedade temporal e espacial.

Como as demais narrativas populares, retratam de forma simples as linhas gerais do comportamento humano, nos seus aspectos psicológicos, culturais e lingüísticos. Essas narrativas, que ganharam *status* definido, falam-nos numa linguagem simbólica, apresentando situações inusitadas e até mesmo improváveis como comuns, algo que poderia acontecer a qualquer mortal, constituindo-se em um poderoso legado cultural de diferentes povos.

3.2 O impacto dos contos de fadas na criança e a educação

Os contos de fadas abordam inúmeros aspectos da personalidade infantil, que são importantes para a formação de uma boa estrutura psicológica, pois assim aprendem a lidar com problemas.

De acordo com Rocha:

A leitura pelo seu próprio mecanismo de reflexão e percepção, influencia na formação do indivíduo. Como possibilidade reflexiva, age na ativação da memória e da criatividade, na expressão oral e escrita, ou seja, os resultados da leitura como prática diária são cada vez melhores em qualidade e quantidade. (ROCHA, 1987, p. 40).

A literatura de conto de fadas ajuda os professores a entenderem o pensamento das crianças e ajudá-las a solucionar seus conflitos interiores.

É muito comum que a criança possua um pensamento imaginário e mágico bem semelhante com os contos de fadas.

O cenário predileto dos contos maravilhosos, são geralmente florestas encantadas e majestosos castelos, onde na maioria das vezes fica por conta do imaginário do leitor a incumbência de criar os detalhes

De acordo com BETTELHEIM,(2004, p 20):

"Enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre si mesma, e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece significado em tantos níveis diferentes, e enriquece a existência da criança de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à multidão e diversidade de contribuições que esses contos dão à vida da criança".

Os contos de fadas possuem uma formação moral embutido no seu contexto, como o “Patinho feio”, onde as crianças aprendem que não devem ter preconceito nem julgar as pessoas pelas aparências, ou mesmo a “Chapeuzinho vermelho”, que ensina que não se deve falar com estranhos, nem desobedecer os conselhos dos pais.

"(...) O conto de fadas é a cartilha onde a criança aprende a ler sua mente na linguagem das imagens, a única linguagem que permite a compreensão antes de conseguirmos a maturidade intelectual". Assim, cada criança, [...] procurará no conto de fadas, um significado diferente de acordo com as suas necessidades e interesses em cada fase de sua vida. Os contos de fadas falam: de medos (Chapeuzinho Vermelho); de amor (A Pequena Sereia); da dificuldade [...] (Peter Pan); de carências (Joãozinho e Maria); de autodescobertas (O Patinho Feio); e de perdas e buscas (O Gato de Botas).(BETTELHEIN, 1990, p197).

As histórias que estão inseridas no contexto de todas as crianças vão ajudando a construir princípios e a formação do próprio eu da criança.

Ler para as crianças é poder sorrir, rir, gargalhar com as situações vividas pelas personagens, é despertar o imaginário, a curiosidade, é ter

respondida tantas perguntas, é encontrar ideias para solucionar questões. É possibilitar a descoberta dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos.

ABRAMOVICH (1997, p16) ressalta:

"(...) Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... escutá-las é o início da aprendizagem para ser leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo...". Podemos, assim, começar a compreender a importância da Literatura Infantil no desenvolvimento cognitivo das crianças. Ser leitor é o meio para conhecer os diferentes tipos de textos, de vocabulários. É uma forma de ampliar o universo lingüístico. Para o "contador" de histórias, cabe o prazer de interagir com a leitura ao mesmo tempo em que oportuniza este prazer para os seus ouvintes, como reafirma AROEIRA (1996, p 141) "(...) Contar histórias é uma experiência de grande significado para quem conta e para quem ouve".

Elucidando que o maravilhoso ocorre em todas as situações fora do nosso entendimento, da dicotomia espaço/tempo ou realizado em local vago ou indeterminado na terra. Tais fenômenos não obedecem às leis naturais que regem o planeta.

Para Werner:

A dimensão do maravilhoso cria um imenso teatro de possibilidades nas histórias: Tudo pode acontecer. Essa ausência mesmo de fronteiras serve ao propósito moral dos contos, que é precisamente ensinar onde se encontram os limites. O sonhar proporciona prazer por si mesmo, mas também representa uma dimensão prática da imaginação, um aspecto da faculdade do raciocínio, e pode abrir possibilidades sociais e públicas (WERNER, 1999, p.18).

Ao trazer a literatura infantil para a sala de aula, é estabelecida uma relação dialógica com o aluno, o livro, sua cultura e a própria realidade. Além de contar ou ler a história, ele cria condições em que a criança trabalhe com a história a partir de seu ponto de vista, trocando opiniões sobre ela, assumindo posições frente aos fatos narrados,

defendendo atitudes e personagens, criando novas situações através das quais as próprias crianças vão construindo uma nova história. Uma história que retratará alguma vivência da criança, ou seja, sua própria história.

Acredita-se que a conquista do pequeno leitor se dá através da relação prazerosa com o livro infantil, onde sonho, fantasia e imaginação se misturam numa realidade única, e o levam a vivenciar as emoções em parceria com os personagens da história, introduzindo assim situações da realidade.

No decorrer das atividades de leitura é importante diferentes temas, trabalhando assim não só a escuta e o prazer pela leitura, mas também propiciando subsídios para ampliar e estimular a linguagem oral das crianças, podendo assim compreendê-las melhor.

Elucidando que através de algumas leituras, é possível englobar várias áreas do conhecimento como a linguagem oral, a matemática, a música, o movimento, natureza e sociedade.

Na interação da criança com a obra literária está a riqueza dos aspectos formativos nela apresentados de maneira fantástica, lúdica e simbólica. A intensificação dessa interação, através de procedimentos pedagógicos adequados, leva a criança a uma maior compreensão do texto e a uma compreensão de si e do mundo que a cerca.

Nesse sentido a Literatura Infantil e, principalmente, os contos de fadas podem ser decisivos para a formação da criança em relação a si mesma e ao mundo à sua volta. O maniqueísmo que divide as personagens em boas e más, belas ou feias, poderosas ou fracas, etc. facilita à criança a compreensão de certos valores básicos da conduta humana ou convívio social. Tal dicotomia, se transmitida através de uma linguagem simbólica, e durante a infância, não será prejudicial à formação de sua consciência ética..

De acordo com Bettelheim (1996, p. 13), os contos de fada ensinam um pouco sobre as condições específicas da vida na moderna sociedade, através deles pode – se aprender mais sobre os problemas internos dos seres humanos, e sobre as soluções corretas para seus predicamentos em qualquer sociedade. Como a criança em cada momento de sua vida está exposta à sociedade em que vive, certamente aprenderá a enfrentar as condições que lhe são próprias.

4 Contação de histórias na educação infantil

Para Carvalho:

A Literatura – Mitos, Estórias, Contos, Poesias, qualquer que seja a sua forma de expressão, é uma das mais nobres conquistas da Humanidade: a conquista do próprio homem! É conhecer, transmitir e comunicar a aventura do ser! Só esta realidade pode oferecer – lhe a sua verdadeira dimensão. Só esta aventura poder permitir – lhe a ventura da certeza de ser! (CARVALHO, 1989, p.17).

Contar histórias não é uma prática estimulada e valorizada, entre os educadores, alguns valorizam contar histórias, técnica essa muito importante para a construção do imaginário da criança, além de acrescentar muitos outros estímulos importantes para a criança e ajudar no seu desenvolvimento.

Ao contar histórias para as crianças despertamos sua imaginação, ou seja, ela cria seu próprio mundo, o “das fantasias”.

O professor pode alcançar muitos objetivos por meio dela, pois ler histórias para crianças é uma atividade prazerosa, com a qual poderá fazê-la expressar suas próprias percepções de mundo.

De acordo com Oliveira (2009):

A literatura infantil é um dos suportes básicos para o desenvolvimento do processo criativo da criança, pois ela oferece ao leitor uma bagagem de conhecimentos e informações capazes de

provocar uma ação criadora, proporcionando também novas experiências e o desenvolvimento de suas fantasias e criatividade.

A leitura deve ser cultivada desde a primeira infância. É muito importante quando a mãe lê para seu filho ainda bebê, pois mesmo sem interagir ou entender este vai se sentindo confortável e concentrado, até o momento ao qual passa a ter entendimento do contexto criando prazer e admiração pelas histórias.

Mesmo antes de aprender a ler, as crianças devem ser colocadas em contato com a literatura.

Contação de histórias é uma atividade muito antiga. É uma prática da cultura humana que antecede o desenvolvimento da escrita.

As histórias são uma maneira mais significativa que a humanidade encontrou para expressar experiências que nas narrativas realistas não acontecem.

É uma atividade fundamental que transmite conhecimento e valores, sua atuação é decisiva na formação e no desenvolvimento do processo ensino aprendizagem.

O ato de contar histórias deve tocar todos os sentidos, tocando o coração e enriquecendo a leitura de mundo na trajetória de cada um.

Contação de histórias está ligado ao imaginário infantil. Ela amplia o vocabulário, da narrativa e de sua cultura, o conjunto de elementos referenciais que proporcionarão o desenvolvimento do consciente e subconsciente infantil, a relação entre o espaço íntimo do indivíduo (mundo interno) com o mundo social (mundo externo), resultando na formação de sua personalidade, seus valores e suas crenças.

O imaginar permite ao ser humano entender e compreender histórias ficcionais, pois nossa vida apenas é entendida dentro de narrativas.

As histórias nos transmitem informações e abrangem nossas emoções.

Quando o professor conta histórias estabelece com o aluno um clima de cumplicidade que os remete à época dos antigos contadores que, ao redor do fogo, contavam a uma plateia atenta as histórias, costumes e valores do seu povo.

Nas escolas, os contadores de histórias são os professores, elo entre o aluno e o livro.

Inúmeras são as possibilidades que o uso da contação de histórias na sala de aula propicia.

Além de as histórias divertirem elas atingem outros objetivos, como educar, instruir, socializar, desenvolver a inteligência e a sensibilidade.

A literatura precisa receber o estímulo adequado, para que possa se tornar uma experiência positiva de leitura e, não uma tarefa rotineira escolar que transforme a leitura e a literatura em simples instrumentos de avaliação, afastando o aluno do prazer de ler.

Além disso, as histórias podem: intrigar, fazer pensar, trazer descobertas, provocar o riso, a perplexidade, o encantamento, etc.

Ao contar histórias percorre-se um caminho absolutamente infinito de descobertas e compreensão do mundo.

As histórias despertam em quem ouve a imaginação, a emoção e o fascínio da escrita e da leitura.

Afinal, contar histórias é revelar segredos, é seduzir o ouvinte e convidá-lo a se apaixonar... pela história. É fonte inesgotável de prazer, conhecimento e emoção, em que o lúdico e o prazer são eixos condutores no estímulo à leitura e à formação de alunos leitores.

A contação de história estimula a imaginação, retrata pessoas, lugares, acontecimentos, desejos e sonhos, favorecendo o processo de aprendizagem.

Segundo Carvalho:

Muitos seres e elementos mágicos, simbólicos, alegóricos, transitam nos contos infantis, carregados de significados, porque nada é gratuito em Literatura. O sobrenatural, o maravilhoso, o fantástico são aspectos da realidade: a finalidade real da viagem maravilhosa é a exploração mais total da realidade universal. (CARVALHO, 1989, p.64).

4.1 Simples Narrativa

É uma das mais fascinantes de todas as formas de contar histórias, antiga, tradicional e uma autêntica expressão do contador de histórias. Processa-se apenas por meio da voz do contador e de sua postura, não requerendo acessórios, pois, com as mãos livres, sua força se concentra na expressão corporal. “É a maneira ideal para contar uma história e a que mais contribui para estimular a criatividade” (COELHO, 1991, p.32).

Segundo essa autora, a utilização de ilustrações em determinadas histórias podem desviar a atenção dos ouvintes, que deve fixar-se no narrador, para não perder o encantamento da história.

4.2 O próprio livro

O professor poderá fazer uso do livro para mostrar imagens, chamar a atenção de algum detalhe da história, ler uma frase, até mesmo levantar hipóteses sobre o que irá acontecer.

De acordo com Coelho (1991), existem textos que indispensavelmente requerem a apresentação do livro, pois a ilustração

o complementa, mostrando-se tão rica quanto o texto. Porém, convém lembrar que se for um livro de pouco texto e de ilustrações abundantes, o professor deve narrar quase textualmente, com certas alterações na linguagem, indo desde variações de entonação até imitações típicas de determinados personagens, com o intuito de melhor caracterizá-los e, assim, envolver as crianças.

É importante, também, promover o diálogo, conversando com os alunos no decorrer da história, promovendo a interação, pois segundo a autora, é este o momento ideal para atribuir às palavras um significado concreto, 24 real, extinguir preconceitos, e ideias falsas, aproveitando todas as oportunidades para ajudar as crianças a crescer e pensar.

4.3 Com gravuras

Alguns livros de formato pequeno, de ilustrações que antecipam acontecimentos ou não se correspondem com o texto, histórias em revistas ao lado de outras matérias e anúncios diversos inviabilizam a utilização do livro como recurso ilustrativo.

Dessa forma aconselha - se que as gravuras sejam reproduzidas e ampliadas em papel resistente, visíveis para o grupo de ouvintes e, no caso de revistas, as cenas poderão ser recortadas e montadas em quadrados ou retângulos de cartolina, duplo, complementando-se se necessário para obter um visual mais bonito, considerando sempre os elementos essenciais da história.

Coelho (1991) lembra que as gravuras favorecem sobretudo, as crianças pequenas, e permitem que observem detalhes e contribuem para a organização do seu pensamento, facilitando, mais tarde a identificação da ideia central, dos fatos principais ou secundários.

4.4 Flanelógrafo

Nas histórias em que o personagem central entra e sai de cena, movimenta-se durante o enredo, Coelho (1991) afirma que o ideal é o uso do flanelógrafo.

As gravuras devem ser desenhadas, ampliadas ou pintadas em papel grosso, recortadas e no verso pode ser colado velcro, lixa grossa, palha de aço fina, tiras de fita dupla face, areia fina ou qualquer material que mantenha a gravura presa à flanela, que é a base do flanelógrafo.

De acordo com Oliveira (2009), não é todo o texto que se adapta ao flanelógrafo; é preciso que o enredo e os personagens sejam bem destacados, a história deve ser contada progressivamente e as crianças também poderão manipular as figuras para contar ou recontar a história.

Segundo Coelho (1991) o uso do flanelógrafo não deve ser confundido com a apresentação de gravuras, são situações distintas para histórias diferentes. Na gravura a cena é reproduzida e no flanelógrafo, cada personagem é colocado individualmente, ocupando seu lugar no quadro, o que dá ideia de movimento.

Vale ressaltar que usar o flanelógrafo não é tomar qualquer gravura, reproduzi-la fixar um pedaço de lixa no verso e colocá-la no quadro de flanela, pois o importante nessa técnica é a ação do personagem principal, num movimento constante (Coelho, 1991).

4.5 Transparência

Conforme a história é contada, as figuras desenhadas na transparência devem ser projetadas no retroprojektor. Oliveira (2009) afirma que, dependendo da história, os personagens se movimentam

dentro da mesma; ela sugere, então, que num segundo momento os alunos também possam recontar a história, podendo também ocorrer o inverso: o professor projeta e os alunos criam sua própria história e, posteriormente, o professor conta a sua versão.

4.6 Cinema

Antigo e simples, este é um recurso que desperta o interesse e a curiosidade de todos, pois a história aparece em pequenos pedaços. É importante que os desenhos sejam sequenciados, como outros recursos de apresentação progressiva aqui propostos.

As cenas deverão ser mostradas aos poucos para a plateia, criando expectativa e envolvimento com a história. De acordo com Oliveira (2009), este recurso, como outros, permite que o professor pare em uma das cenas e introduza outros recursos, como cantos, expressão corporal, mímica, etc.

4.7 Apresentações em slides (*Powerpoint*)

Este é um recurso de grande interesse do aluno, pois existem vários textos acompanhados de imagens. Deve ser planejado como todos os outros. As imagens poderão ser projetadas como estímulo, antes, durante, ou no fim da leitura do texto.

4.8 Dramatização

De acordo com Oliveira (2009) é possível a adaptação das histórias infantis para representação de seu texto para o teatro; assim, as crianças assumem o papel dos personagens e os representam.

Dependendo dos recursos da escola, as crianças poderão usar fantasia, máscaras e diversos objetos para representação do teatro. Ainda destaca que a história não deve ser elaborada pelo professor e dada pronta para ser “decorada”; antes, será muito mais enriquecedor se as crianças participarem de todo o processo.

4.9 Fantoche

Esse é um recurso que desperta muito interesse nas crianças. De acordo com Oliveira (2009), os fantoches também poderão ser produzidos pelos alunos para representação da história, e após o planejamento e execução dos bonecos, confeccionados com massa, meia ou sucata (de acordo com a escolha dos alunos), a apresentação se fará da melhor forma.

Essa autora faz menção a alguns tipos de fantoches que poderão ser utilizados como: fantoche de mão (em que a mão poderá ser pintada de acordo com o personagem, colocar fios de lã sobre os dedos como se fossem cabelos), fantoche feito com meia, fantoche com saco de papel, fantoche feito de tecido e fantoche de dedos.

Porém, o importante, ressalta a autora, é que “a crianças (o aluno) assimile a mensagem transmitida pela história e verbalize seu conteúdo, usando a linguagem oral e gestual” (Oliveira, 2009, p.25).

4.10 Quadro de pregas

O quadro de pregas é confeccionado em papel grosso ou cartolina. Suas pregas deverão ter aproximadamente 5 a 7 centímetros; as gravuras poderão ser as mesmas feitas para o flanelógrafo, apenas

acrescentando na base 5 a 7 centímetros de cartolina, para que se encaixe nas pregas do quadro.

4.11 Máscaras

São fáceis de fazer, baratas e substituem, tranquilamente, figurinos; um excelente recurso, que pode ser confeccionado com papel, sacos de papel ou tecido.

4.12 Dobradura

O professor deve contar uma história que apresente condições para representação em dobraduras, tais como peixe, barco, sapo, cão, gato, chapéu, flores etc. Assim, cada aluno poderá escolher uma história, falar o porquê de tê-la escolhido, fazer a dobradura, que poderá ser colada em uma folha de papel sulfite, e completar o cenário de sua história.

4.13 Álbum sanfonado

É parecido com o álbum seriado, mas, ao invés de virar as folhas para trás, as partes são desdobradas. É feito com papel cartão e dobrado em forma de sanfona; suas partes são ligadas com fita adesiva, ou fita de tecido.

4.14 Mural didático

Sua base poderá ser feita em cartolina, ou outro material semelhante. É importante que esteja colocado em uma altura de fácil visualização para o público. A história pode ser montada e as gravuras serem cobertas e, aos poucos, no decorrer da história, o professor vai revelando-as, de acordo com a sequência da história.

Este recurso pode ser usado pela criança para contar a sua história. A classe também pode organizar um mural a partir de um texto lido, da continuação de uma história trabalhada em sala de aula, ou uma criação de uma história a partir de um texto lido.

4.15 Teatro de sombra

Recurso simples e interessante: uma cortina transparente e esticada no frente do público e uma luz, que deve ser acesa atrás da cortina, de forma que os personagens sejam projetados nela.

De acordo com Oliveira (2009), é possível também o uso de uma caixa com papel vegetal; assim, projetam-se nela os personagens feitos de cartolina ou cartão preto, presos ou não com uma vareta.

4.16 Teatro de varas

Neste recurso, os personagens são feitos em cartolina e fixados em uma vareta; um biombo em papelão poderá ser montado pelos alunos e por trás dele, a peça é representada com os movimentos da vara, de acordo com a sequência da história.

4.17 Avental

O avental poderá ser usado como cenário da história. Ele ser feito de feltro para que as figuras, coladas velcro no verso, sejam fixadas.

Os personagens também poderão ser colocados no bolso do avental e serem retirados no transcorrer da história.

4.18 História sequenciada

Este é um excelente recurso para ajudar a criança a expressar-se oralmente, como também organizar seu pensamento, assim o professor poderá contar a história em sequência e posteriormente o aluno terá a oportunidade de montar sua própria sequência.

4.19 Cartazes e quadros

A história lida poderá ser representada com desenhos dos alunos, em forma de álbum seriado, em forma de cartazes, ou em forma de quadros, que poderão ser colocados na parede à medida que a história for contada.

De acordo com Oliveira (2009), desenhar ou fazer colagens é uma atividade que desperta o interesse e a criatividade e os alunos gostam muito.

4.20 Os contos que as caixas contam

Este é mais um recurso ao qual o professor poderá recorrer para contar histórias. As caixas podem ser grandes ou pequenas, quadradas ou redondas; os personagens poderão ser colocados dentro da caixa e, conforme o professor narra a história, ele são retirados da caixa, trazendo encantamento, suspense e diversão para os ouvintes.

Para produzi-las, é preciso buscar papéis coloridos, colar retalhos de tecidos, plásticos, espelhos, sementes, material reciclável; desta forma o professor poderá montar um cenário dentro da caixa, o palco das ações de uma história, poderá também montar uma caixa surpresa, com objetos interessantes, feitos para serem manuseados pelos alunos enquanto a história é contada.

De acordo com Oliveira (2009), o mais importante ao contar a história é o envolvimento da criança. Quando ela se identifica com alguma parte da narrativa, deve ser dado espaço a ela para falar de suas experiências relacionadas à história. Portanto, acredita-se que os recursos sugeridos farão com que os alunos participem mais e com prazer desta atividade, aproximando-os da literatura.

Para Magnani:

A formação do gosto não se baseia em exercícios escolares de interpretação de interpretação. Diz respeito à vida, à formação de uma visão de mundo. Não basta falar sobre a pluralidade de significações e possibilidades de interpretação. É preciso fazer da contradição e da busca de sua superação uma prática/vivência cotidiana de sala de aula de vida. É a construção de uma história coletiva que conta no jogo das interpretações. É um conhecer pra gostar. É um conhecer para agir. (MAGNANI, 1992, p.106).

Sempre que possível é importante que o professor relacione a história com diversos assuntos, propiciando, além do desenvolvimento intelectual, cognitivo e afetivo, situações que favoreçam o letramento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar a pesquisa foi possível conhecer um pouco sobre a contação de história e sua evolução através dos tempos.

O professor ao utilizar a contação de histórias no cotidiano escolar precisa estar atento se a idade das crianças é compatível com a história, se o ambiente está organizado adequadamente, deve observar se há interesse pela história escolhida e ver quais recursos poderão despertar a imaginação e o interesse da criança.

Percebe-se que o uso adequado dos recursos apropriados no ato de contar histórias enriquece a história e desperta a imaginação de quem a escuta.

Percebi também que os pais e professores tem papel importante no interesse pela leitura das crianças.

Neste contexto, propicia a abertura de canais sensoriais, facilitando a expressão de emoções, ampliando a cultura geral e contribuindo para a formação integral do ser.

Cheguei à conclusão que as histórias infantis são de grande importância no cotidiano das crianças. É através dos contos de fadas que as crianças aprendem a desenvolver sua imaginação, suas fantasias pondo em prática suas habilidades.

Fica claro que mesmo depois de décadas já terem passado, os contos de fadas ainda encantam e contagiam aqueles que leem ou ouvem e com isso faz com que os incorporem na prática pedagógica para que os alunos tenham uma aprendizagem lúdica e enriquecedora.

Além dos contos de fadas apresentarem valores como a honestidade, a perseverança e a prudência levando-nos a discutir sobre isso, eles também são admirados pelo seu proveito pedagógico e muito mais do que isso, formam uma obra de riqueza imaginária, um documento histórico que mostra o talento de todos que os escrevem, que além de tudo abriu as portas para a literatura infantil.

Desta forma, quando incentivado o gosto pela leitura modifica não só o indivíduo, a criança leitora em questão, mas de toda a realidade escolar que passa a refletir sobre a importância da leitura na sociedade atual e novas formas de tornar esta prática mais comum entre seus alunos e suas respectivas famílias, pois se faltam estímulos à leitura no contexto familiar, que o contexto escolar possa contribuir para a mudança do primeiro contexto citado.

Conclui-se que a literatura infantil através das diferentes maneiras de contar história para o universo infantil contribuíram e contribuirão durante muito tempo no desenvolvimento da criança como um todo e através de leituras prazerosas, criativas e dinâmicas ajudar a preparar futuros cidadãos conscientes e capazes de agirem com mais segurança, usando de sua sensibilidade para viverem melhor neste mundo contemporâneo.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5. ed. São Paulo : Scipione, 1995.

ANDRADE, C. D. **Literatura infantil in: Confissões de Minas**. Literatura Obra Completa. Rio de Janeiro: Aguilar, 1964.

BAKHTIN, M. **Questões de Literatura e de Estética**. São Paulo. Hucitec. 1981

_____. **A Importância da Literatura para o Desenvolvimento da Criança**. Rio de Janeiro, Martins Fontes, 1992.

BAMBERGUERD, R. **Como incentivar o hábito da leitura**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2000.

BARBOSA, R. T. P. **Pontos para tecer um conto**. São Paulo: Lê, 1997.

BARCELLOS, G. M. F.; NEVES, I. C. B. **A Hora do Conto: da Fantasia ao Prazer de Ler**. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 1995.

BATTAGLIA, S. M. F. **“A Criança e a Literatura”**. In: DIAS, M. C.M.

BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fada**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

BRASIL / Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/ SEF, 1997.

BRASIL / Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília MEC/SEF, 1998.

CADEMARTORI, L. **O que é literatura infantil**. 6. ed. São Paulo: 1994.

CARDOSO, M. – **Estudos de Literatura Infantil**. São Paulo – Editora do Brasil, 1991.

CAGNETI, S.S. **Livro que te quero livre**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1996.

CARVALHO, B.V. **A literatura infantil – visão histórica e crítica**. São Paulo: Global, 6. ed., 1989.

COELHO, N. N. **Literatura Infantil: teoria – análise – didática**. São Paulo: Moderna, 2009.

_____. **Contar Histórias: Uma Arte sem Idade**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2002.

_____. **O conto de fadas**. São Paulo: Ática, 1987.

CUNHA, M. A. A. **Literatura infantil – teoria e prática**. 18. ed. São Paulo: Ática. 2003.

DOHME, V. **Além do encantamento : como as histórias podem ser um instrumento de aprendizagem**. Campinas (SP): Fundação Educar DPaschoal, s.d.

FARIA, M. A. **Como usar a literatura infantil na sala de aula**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

FREIRE, P. **A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**. 22. ed. São Paulo: Cortez, 1988.

GÓES, L. P. **Introdução a literatura infantil e juvenil**. 2. Ed. São Paulo: Pioneira, 1991.

KAERCHER, G. E. **E Por Falar em Literatura...** In: CRAIDY, C.

LAJOLO, M. e Z. R. **Literatura Infantil Brasileira: História e Histórias**. Série fundamentos. 4. ed. São Paulo: Ática, 1988.

_____. **Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira: história, autores e textos**. São Paulo: Global, 1988.

MAGNANI, M. R. M. **Leitura e formação do gosto (por uma pedagogia do desafio do desejo)**. Ideias (FDE/SEE/SP). n. 13, p. 101-106, 1992.

MIGUEZ, F. **Nas artimanhas do imaginário infantil: o lugar da literatura na sala de aula**. Rio de Janeiro: Zeus, 2000, p.15.

OLIVEIRA, M. A. **Leitura Prazer: Interação Participativa da Criança com a Literatura Infantil na Escola**. São Paulo: Paulinas, 1996.

_____. **Dinâmicas em Literatura Infantil**. São Paulo: Paulinas, 2009.

PALO, J. M. e R., D. M. – **Literatura Infantil Voz de Criança**. 3. ed. 2ª impressão, Ática, 2003.

ROCHA, J. C. **Políticas Editoriais e Hábito de Leitura**. 2. ed. São Paulo: Com Arte, 1987.

SANDRONI, L. C.; MACHADO, L. R. **A Criança e o Livro – Guia Prático de estímulo à leitura.** Série Educação em Ação. — São Paulo: Ática, 1986

TELLES, C. Q. et al. **Sete faces do conto de fadas.** São Paulo: Moderna.

TUFANO, D. **Estudos de literatura brasileira.** São Paulo: Moderna, 1975.

VASCONCELOS, B.C. – **A Literatura Infantil Visão História e Crítica.** 6. ed., São Paulo: Global, 1989.**1993.**

ZANOTTO, M. A. C. **Recontar Histórias - Atividade é importante para a formação das crianças pré-escolares.** Revista do Professor, Porto Alegre, n.74, p.5 – 9, abr./jun. 2003.

ZILBERMAN, R. **A literatura infantil na escola.** São Paulo: Global, 1987.